



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIANA GUIMARÃES DO NASCIMENTO

**NO SUBSOLO ESTÁ O EU, O IDEAL E O HOMEM: UM ESTUDO EM MEMÓRIAS
DO SUBSOLO SOBRE O IDEAL DO EU**

MACEIÓ – AL

2022

MARIANA GUIMARÃES DO NASCIMENTO

**NO SUBSOLO ESTÁ O EU, O IDEAL E O HOMEM: UM ESTUDO EM MEMÓRIAS
DO SUBSOLO SOBRE O IDEAL DO EU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como
parte das exigências para a obtenção do título de
Bacharela em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Charles Elias Lang

MACEIÓ – AL

2022

“[...] enquanto a natureza humana age em sua totalidade, tudo que nela existe de consciente e inconsciente, e, embora minta, continua vivendo.”
(Fiodór Dostoiévski)

RESUMO

Considerando a proximidade entre a psicanálise e a literatura, este trabalho tem por objetivo o estudo do conceito freudiano do Ideal do Eu e sua relevância para o psiquismo através da leitura de *Memórias do Subsolo* (1864). Novela escrita pelo romancista russo Fiódor Dostoiévski, um dos nomes mais expressivos da literatura mundial, chama atenção por ser escrita como um desabafo do protagonista. A análise parte do método da leitura desconstrutiva, proposta por Figueiredo (1999), focando na caracterização do autorrelato e nas ambiguidades apresentadas pelo eu-narrador.

Palavras-chave: literatura, Ideal do Eu, psicanálise freudiana

ABSTRACT

Considering the proximity between psychoanalysis and literature, this article aims to study the Freudian concept of the Ideal Ego (Ideal-Ich) and its relevance to the psyche through reading *Notes from Underground* (1864). The novel written by the Russian novelist Fyodor Dostoevsky, one of the most expressive names in world literature, draws attention for being reported as an outburst of the protagonist. The analysis departs from the deconstructive reading method proposed by Figueiredo (1999), focusing on the characterization of the self-report and on the ambiguities presented by the first-person narrative voice.

Keywords: literature, Ideal Ego, Freudian psychoanalysis

SUMÁRIO

1. Introdução	6
1.1 O Autor	7
2. Ideal do Eu	8
3. Metodologia	11
4. O Homem do Subsolo e o Ideal do Eu	12
4.1 As reflexões do Subsolo	13
4.2 As recordações da Neve	16
5. Considerações Finais	25
Referências	27

1. INTRODUÇÃO

Para aquele que conhece os textos de Sigmund Freud (1856-1939) nota-se que, durante elaboração teórica psicanalítica, obras literárias surgem para ilustrar ou nomear conceitos psicanalíticos. *Hamlet* (1602), de William Shakespeare, e o clássico *Édipo Rei* (427 a.C.), de Sófocles, são alguns exemplos repetidamente citados, destacando-se especialmente por seus caracteres trágicos. Em *Poética*, Aristóteles caracteriza a tragédia como a encenação de um texto teatral visando produzir um efeito, a boa tragédia é aquela que impacta o público. O tema é revisitado por Freud em *Personagens Psicopáticos no Palco* (1942/2020), no qual traça as diferentes gênesis dos conflitos apresentados na literatura, partindo desde as tragédias divinas do teatro grego até o que nomeia como “tragédias psicológicas”, em que o palco do conflito é a vida anímica da personagem, e os atores, as suas diferentes moções.

Considerando a proximidade entre a psicanálise e a literatura, é possível indagar a elaboração de um estudo teórico conduzido pela leitura de uma tragédia psicológica. Freud comenta haver algo “na escolha do material poético” (FREUD, 1908/2010, p. 53) que é possível emocionar, mas que o próprio poeta não consegue explicar. Isso porque o carácter criativo guarda um conteúdo humano que se renova nas mais diversas formas de expressões.

Um grande escritor de romances psicológicos foi o russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), um dos nomes mais expressivos na literatura mundial, considerado um pensador que influenciou também na filosofia e na religião (FRANK, 2018). Referido por Freud como aquele que “não está muito atrás de Shakespeare” (FREUD, 1928/2020, p. 283), suas obras trabalharam temas sensíveis para a sociedade russa imperial, como tramas individuais complexas, apresentando personagens de caracteres marcantes, conflitos intensos e ricos retratos psicológicos.

Sua novela “Memórias do Subsolo” (1864) conta a história de um funcionário público que se perde em reflexões conflitantes sobre suas raivas, suas angústias para consigo e para com a sociedade. Não atraindo tanta atenção no lançamento, é, hoje, considerada a obra que antecede temas abordados nos seus grandes romances (FRANK, 2018). Dostoiévski compõe uma personagem intensa, apresentando a sua história em um relato dividido entre monólogo e recordação. A novela chama a atenção pelo potencial para uma leitura psicanalítica: o fluxo narrativo do texto é contínuo, assemelha-se a um discurso falado, os temas aparecem na cadeira de reflexões da personagem, sendo interrompidos e retomados com novas configurações.

Afim de averiguar as produções já presentes na literatura, foi realizada uma revisão bibliográfica no *Google Scholar* usando os descritores “*Memórias do Subsolo*” AND “*Ideal do*

Eu” e “*Memórias do Subsolo*” AND “*Narcisismo*” AND “*Ideal do Eu*”, a busca resultou em 9 trabalhos encontrados entre artigos e dissertações na área da Psicologia e Literatura, sendo 4 repetidos. Porém, na leitura dos resumos, foi possível constatar que nenhum focava no estudo do conceito do Ideal do Eu.

Dada a importância do narcisismo para a compreensão dos processos de subjetivação e falta de trabalhos publicados relacionando esse foco teórico na novela dostoiévskiana, o presente trabalho trata-se de um estudo teórico, buscando-se pensar o conceito freudiano do Ideal do Eu e sua relevância para o psiquismo por meio da leitura de “*Memórias do Subsolo*”, nas ambiguidades apresentadas pelo eu-narrador. Para refinar essa leitura, foi utilizado o método do *close reading* (FIGUEIREDO, 1999), entendendo que a atenção deve estar voltada para o material exposto no texto, como o estudo de construção textual proposto por Francine Prose (2008).

1.1. O Autor

Fiódor Dostoiévski é um aclamado romancista, jornalista e filósofo do século XIX. Como conta Joseph Frank na biografia *Dostoiévski: um escritor em seu tempo* (2018), nasceu em 1821 em Moscou, no hospital em que seu pai, Mikhail Andréievitch, trabalhava. Apesar das honrarias e o título de nobreza conquistado pelo serviço da medicina, o mesmo não rendia grandes riquezas para a sua família. Sua mãe, Maria Fiódorovna, era filha de comerciantes e a responsável por administrar tanto a casa da família em Moscou, quanto em Darovóie, uma aldeia camponesa.

Sua infância se dividiu entre o tempo para os estudos, exigidos pelo pai, e as temporadas no campo. A primeira mudança que marcou a vida de Dostoiévski ocorreu em 1837, com a morte da mãe por tuberculose. No ano seguinte, foi mandado por seu pai para a “Academia de Engenharia Militar”, em São Petersburgo, junto ao seu irmão Mikhail. Apesar de estarem estudando para a carreira como engenheiros, ambos guardavam grande paixão pela literatura, especialmente Fiódor. Em 1839, seu pai foi assassinado, supostamente asfixiado por algum camponês, foi uma segunda marca, causando uma grande reação de culpa. (FRANK, 2018)

Após concluir seus estudos, Dostoiévski iniciou uma intensa atividade literária, a qual consistia em uma extensa leitura de escritos russos e franceses, além de trabalhos de tradução. Nessa época, escreveu seu romance de estreia *Gente Pobre* (1845), bem recebido pela crítica. É nesse período que Dostoiévski começa a circular por grupos de intelectuais, como o “Círculo Petrachévski”, e tem contato com ideais humanistas e comunistas. Acusado de conspirar contra

Nicolau I, em 1849, foi preso e condenado à morte; no entanto, sua pena é revertida para exílio na Sibéria no último minuto, após uma execução encenada. (FRANK, 2018)

Dostoiévski passa quatro anos preso e, mais tarde, presta serviço militar para o exército russo até se aposentar devido à sua saúde debilitada. Seus direitos para publicação são reestabelecidos em 1857, entretanto, só recebe a autorização para retornar a São Petersburgo em 1859. A segunda fase da sua obra é profundamente marcada pelas experiências do exílio, criando “obras de alcance imaginativo, incomparavelmente mais profundo do que fora possível na década de 1840”. (FRANK, 2018, p.194)

Memórias do Subsolo é publicado em 1864 em duas partes na revista *A Época*, fundada em parceria com Mikhail, no mesmo período que sua primeira esposa e irmão morrem (FRANK, 2018). Fiódor Dostoiévski, que assumiu a responsabilidade financeira de cuidar da família do irmão, teve, nos anos seguintes, grandes problemas financeiros e sua mais larga escala de produção literária. Volta a se casar em 1867 com Anna Grigórievna, a quem permanece em matrimônio por catorze anos. O escritor faleceu na noite de 28 de janeiro de 1881 em decorrência a uma série de hemorragias, deitado em sua cama e assistido por sua esposa, filhos e amigos.

2. IDEAL DO EU

Segundo Roudinesco & Plon (1998), a primeira vez que Freud utiliza o termo “Ideal do Eu” foi em 1914, no texto *Introdução ao Narcisismo*, um ensaio para a compreensão da influência do narcisismo para as pesquisas psicanalíticas. Partindo dos estudos sobre a parafrenia, Freud elenca duas características: a megalomania e o desinteresse pelo mundo para compreender a relação do narcisismo primário com a libido.

Ao contrário do que aconteceria nas neuroses, o parafrênico “parece mesmo retirar das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-la por outras na fantasia” (FREUD, 1914/2010, p. 15), ou seja, a libido, ao invés de ser direcionada a um objeto, volta para o Eu. Esse circuito, comum à megalomania, remonta um esquema da infância, quando a criança ainda está construindo a sua relação com a realidade e com o mundo externo, e, na ausência de objetos, tem seu investimento libidinal no Eu.

É introduzida então a noção de uma oposição da libido do Eu e libido de objeto, em uma relação inversamente proporcional, essa distinção tem grande relevância para a compreensão do processo da constituição do Eu. A criança faz sua escolha de objetos sexuais a

partir de suas primeiras experiências de satisfação, pelas funções vitais de autoconservação, como a necessidade de alimentação e cuidado. “As pulsões sexuais¹ apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles”. (FREUD, 1914/2010, p. 32) É pela via do narcisismo que o sujeito se constitui e se separa do outro, então a libido, antes voltada para uma única direção, pode investir tanto nas pulsões do Eu, como nas pulsões sexuais. (FREUD, 1914/2010)

O enamoramento (FREUD, 1914/2010) é um bom exemplo de ilustração, pois aquele que se apaixona deixa de investir em si para se dedicar ao outro, o objeto de desejo. O contrário pode ser observado na megalomania, quando toda libido se volta para as fantasias do Eu.

Entretanto, não significa que toda a libido passe para o investimento objetal, há algo que resta do narcisismo infantil. O bebê, que antes era o centro das atenções e tinha suas necessidades atendidas, cresce e, com isso, é apresentado às diretrizes morais e culturais (FREUD, 1914/2010). Esses princípios, pela psicologia da repressão, são reconhecidos como regras obrigatórias e respeitá-las são a forma de preservar um “autorrespeito do Eu” (FREUD, 1914/2010, p. 39). Como os desejos e impulsos são rejeitados pela repressão, o sujeito constitui um ideal para comparar com o Eu.

O amor e a ideia do Eu perfeito da infância é reformulado para esse novo ideal. “O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal”. (FREUD, 1914/2010, p. 40) Com isso, as exigências sobre o Eu são elevadas, o ideal do Eu se forma na consciência moral, que ecoa as críticas escutadas dos pais e educadores nos primeiros anos de vida.

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1921/2020), o Ideal do Eu figura-se como uma instância responsável pela “auto-observação, a consciência moral, a censura onírica e a influência principal do recalçamento”. (FREUD, 1921/2020, p. 184) Desse modo, o Eu entra constantemente em conflito com o Ideal do Eu por não estar no nível das exigências e repressões, bem como o Ideal do Eu pode vir a ser uma via de satisfação. A relação identificatória (FREUD, 1921/2020), do menino que se identifica com o pai como um modelo e toma a mãe como objeto de investimento, a configuração básica para o complexo de Édipo, é complexificada na segunda tópica psíquica.

As relações de identificação e investimento libidinal são complexificadas em *O Eu e o Id* (FREUD, 1923/2011), Freud desenha uma reconfiguração do aparelho psíquico. Se a primeira tópica era baseada na relação inconsciente, o consciente e o pré-consciente, na segunda

¹ No trecho original da citação está escrito “Os instintos sexuais”, entretanto faz-se a preferência pelo termo “As pulsões sexuais”, compreendendo como o termo mais exato para a tradução do conceito de *Triebe*.

tópica, tornam-se estruturas dinâmicas, que abrigam o funcionamento de três instâncias psíquicas: o Id, o Eu e o Super-Eu. Agora o Eu é uma parte do Id, o algo do psiquismo que é inconsciente e abriga a gênese das pulsões, modificado pelo contato com o mundo externo e influenciado pelo mundo interno, o sistema *Pcp*. Essa desassociação tão próxima com a consciência faz refletir aquilo que está em torno do inconsciente, Freud então retorna ao conceito do ideal do Eu. Novamente as relações entre os investimentos libidinais narcísicos e objetais e o Complexo de Édipo vão dar os contornos para a compreensão.

Antes de qualquer investimento objetal, há a identificação primária com os pais. Então, ao direcionar sua libido, o menino, por exemplo, toma a mãe por objeto e o pai por identificação. A ambivalência é instaurada pelo complexo de Édipo, o menino se identifica e quer eliminar o pai, que interdita o seu desejo pela mãe, o que é chamado de Édipo simples e positivo. (FREUD, 1923/2011) A configuração mais completa seria em que a criança se identifica com o pai e mantém a mãe como objeto de investimento libidinal no polo positivo do complexo, e, simultaneamente, no polo negativo, identificando-se com a mãe, e o pai torna-se o objeto; a criança então terá diferentes intensidades de disposições sexuais. (FREUD, 1923/2011) Entretanto, o complexo de Édipo pode ser, em simultâneo, positivo e negativo, não sendo necessário assumir um ponto excludente em que um genitor é aquele com o qual se identifica e o outro o que se investe a libido. Ou seja, a criança é capaz de ser terna e hostil com ambos os pais paralelamente.

As duas identificações, então, ajustam-se de algum modo a partir da castração, a instância do Super-eu se estabelece como uma posição oposta às escolhas objetais do Id: coloca para o Eu o que deve ser e aquilo que não lhe é permitido. O Super-Eu fará para o Eu o papel do pai que interdita a realização dos desejos edípicos, enquanto o “ideal do Eu é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo”. (FREUD, 1923/2011, p. 45) Estabelece o conflito entre as exigências do Id, as percepções do Eu do mundo exterior e o Super-eu. O ideal do Eu não é possível de ser localizado em um único ponto dentro dessa nova formulação, tanto expressa importantes impulsos do Id, como o que há de mais antigo na história e identificações do sujeito. Também determina o que pode ser chamado de superior no humano, como os valores, a moralidade, a religião. A proibição apresentada pelo pai, é reforçada por figuras externas como tutores, e a partir desses antecessores se manifesta também como censura, consciência.

O Super-eu, além de herdeiro do complexo de Édipo, abriga as primeiras identificações de quando o Eu ainda estava para se estabelecer, por meio das metas estipuladas no ideal do Eu, age como juiz perante o Eu. “A tensão entre as expectativas da consciência e as realizações do Eu é percebida como sentimento de culpa.” (FREUD, 1923/2011, p. 46) Freud coloca como

demonstração desse sentimento, quando inconsciente, na resistência à cura que alguns pacientes apresentam em análise, como se permanecer doente fosse um castigo. Também pode surgir como consciência moral, expressando o conflito entre o Eu e o ideal do Eu, ao ponto do Super-eu tornar-se agressivo com o Eu.

Dessa forma, o Eu está submetido ao que Freud chama de uma tripla servidão: “do mundo externo, da libido o Id e do rigor do Super-eu.” (FREUD, 1923/2011, p. 70)

3. METODOLOGIA

O trabalho desenvolvido parte da leitura atenta e próxima do livro *Memórias do Subsolo* (1864). A escolha metodológica baseia-se na compreensão de que a leitura não é conhecimento universal. Não basta ter compreensão da linguagem. Para se ler bem, é necessário gostar e dar a atenção devida à tarefa. Entender o parágrafo sem compreender, antes, a escolha daquela palavra naquela frase é um modo panorâmico que deixa muito a escapar. Figueiredo (1999) explica que a leitura e a interpretação são atividades que podem ser feitas de diferentes maneiras. A interpretação seria a ação da procura do sentido do texto, a compreensão de que há uma mensagem que o autor transmite como algo que está para além da obra, construído em cima de unidade ideal (FIGUEIREDO, 1999).

A interpretação também pode ser assimilada pela contextualização, seja por horizontes externos, como um tempo histórico, ou internos, construídos no texto. (FIGUEIREDO, 1999) Ambos horizontes formulam uma relação dialética, que permite o estudo do texto não na busca de um sentido transcendental e definitivo, mas na possibilidade de descontextualização e recontextualização, afastando-se da aspiração da interpretação definitiva. Figueiredo (1999) lembra de Derrida para entender a importância das diferenças na leitura de um texto, deixando o sentido único e ideal de lado, para compreender as contradições apresentadas durante a leitura e a multiplicidade de sentidos.

Figueiredo (1999) expõe que a leitura deve acontecer guiada por outros pressupostos, sendo desconstrutiva em relação a uma produção de sentido transcendental da leitura sistemática. Para tal, a leitura se coloca no intervalo entre o intencional e o não intencional, nos pontos de tensão que se formam pelo escrito, por isso “*close* mas não *closing*”. (FIGUEIREDO, 1999, p. 18) O leitor deve estar próximo e atento ao que lhe é apresentado, nas formas que ampliem a formulação de sentidos, e não que se fechem somente em um.

Para Francine Prose (2008), o *close reading* se trata de um método de leitura dedicado à atenção e ao cuidado para a compreensão do texto, atentando-se para a construção das frases

e como a narrativa é exposta. Para ler bem, deve-se avançar com calma sobre as palavras, identificando seus usos na composição do texto e as possibilidades para a produção de sentido. Prose (2008) coloca que, nesse processo, é possível aprender a escrever, a encontrar recursos e a investigar como algumas escolhas autorais possuem um valor que vão além de uma formação gramatical. Esses métodos de leitura se tornam recursos metodológicos valiosos, já que *Memórias do Subsolo* é como um diário do personagem narrador, que encontra um caminho na escrita para expor suas ideias, reflexões e desabafar sobre angústias e lembranças perturbadoras. Aproximar-se do texto é como estar atento à escuta do eu que narra.

A novela foi escolhida também por sua estrutura, dividida em duas partes: a primeira trata de um monólogo do eu-lírico nomeada *O Subsolo*; a segunda, um relato que traz lembranças de um momento específico de sua juventude, titulando *A propósito sobre a neve molhada*. Construído em primeira pessoa, similar a um diário, o personagem no texto pontua como o mais sincero e próximo possível de uma transcrição quase direta de seus pensamentos, ao passar pelos temas que divaga surgem colocações contraditórias. Comparando os dois capítulos, é possível elencar contradições fundamentais à subjetividade do personagem, oposições estruturais. O fluxo da exposição demonstrou um amplo material de investigação, tanto pela cadeia de temas abordados, como pelas formas geradas textualmente, como, por exemplo, o ritmo elaborado pelas pontuações ou as frases que são deixadas inacabadas, criando no leitor a impressão de poder escutar os pensamentos do personagem como se tratasse de um discurso falado.

Para tal, foram feitas diversas leituras. As primeiras integralmente e, depois, cada capítulo de maneira isolada, averiguando como o Homem do Subsolo se narra nesses dois momentos diferentes do texto. Usando como base os episódios das memórias aos vinte e quatro anos, serão contrastadas suas ações e opiniões da juventude com os raciocínios que elabora aos quarenta anos. Tendo como objetivo estudar os impasses do Eu do narrador, adota-se o conceito de Ideal do Eu apresentado por Sigmund Freud (1856-1939), para nos paradoxos contextualizar o que o faz “Homem do Subsolo”.

4. O HOMEM DO SUBSOLO E O IDEAL DO EU

Doente, mau e desagradável. Essas são as primeiras qualidades que o “Homem do Subsolo” atribui a si. Diz sentir prazer de ser assim, quando ainda era um funcionário público, usava da sua posição e modos para ser propositalmente desagradável e magoar as pessoas com quem tinha algum contato. De imediato, emenda com uma afirmação que, na verdade, não é

essa pessoa que deixava transparecer, já que gestos pequenos podia o comover e que “elementos contraditórios realmente fervilhavam em mim”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 16) A contradição entre ser mau ou não, o dilema do que é feita a sua existência é o debate que vai surgindo em diferentes contornos na obra.

Memórias do Subsolo é construído narrativamente como um desabafo do “Homem do Subsolo”, com seus pensamentos e lembranças se derramando. Promete ser sincero e contar o que lhe vem à cabeça. Estruturalmente, o livro nos dá dois momentos diferentes do narrador: conhecemos o “Homem do Subsolo” primeiramente como um funcionário público aposentado de 40 anos, que escreve um longo monólogo a respeito de suas reflexões sobre o homem e a sociedade. Depois, surgem as lembranças que voltam aos últimos dias, a juventude com 24 anos.

Não há compromisso com a fatalidade e nem a necessidade de tal, tudo é contado do seu ponto de vista, e como o próprio admite, por rancor, pode cometer alguns exageros. Todavia, isso não significa que suas falas são insinceras, ao contrário, são profundamente compromissadas com os sentimentos de quando os eventos ocorreram e com o significado que ganharam com o tempo. No que diz, o Homem do Subsolo revela a sua verdade. Aqui se destaca a fala livre do personagem, a cadência dos assuntos que aborda e o alívio que busca ao colocar as coisas que o atormentam no papel.

4.1. As reflexões do Subsolo

Na primeira parte do livro, intitulada “do Subsolo”, temos um monólogo do “Homem do Subsolo” aos seus quarenta anos, aposentado após receber uma herança, afastado o máximo possível da sociedade. O “Homem do Subsolo” se lamenta da sua consciência aguda e da sua inteligência, por possibilitarem avaliar a sua condição rebaixada, e nota que nunca foi capaz sequer de ser um inseto. Por outro lado, diz haver um certo prazer nessa consciência, se é um homem degradado, não precisa se incomodar tentando não o ser.

“Resulta o seguinte, por exemplo, da consciência hipertrofiada: tu tens razão em ser um canalha, como se fosse consolo para um canalha perceber que é realmente um canalha.” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 20)

Essa lógica contribui para entender o posicionamento do “Homem do Subsolo” diante dos que classificam como “homens de ação” e “homens de pensamento”. O primeiro seria estúpido, mas é “autêntico, normal, como sonhou a própria mãe carinhosa” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 22), o segundo, - do qual se identifica - apesar de inteligente, com sua grande

consciência, na frente dos homens de ação, recuam como pequenos camundongos. Sentem inveja desses homens, como também rancor por eles e por como os homens de pensamento fogem, mas nunca esquecem as ofensas, “[...] acrescentará por sua conta novos pormenores, ainda mais vergonhosos, zombando maldosamente de si mesmo e irritando-se com sua própria imaginação.” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 23)

O “Homem do Subsolo” diz haver um certo prazer nesse rancor, um que só é perceptível para aqueles que possuem consciência afiada, é a arma com que se vinga. Chega a comparar com o prazer de gemer por uma dor de dente, faz porque queixar-se dá prazer. Ainda acrescenta às diferenças dos homens de ação e pensamento que os primeiros acham causas fundamentais de modo raso para justificar suas ações, enquanto o segundo reconhece que a vingança não tem nada de justo ou honrado, mas maldade.

Parte da inveja que sente desses é causada pelo fato de sua consciência elevar sua autocritica ao ponto da angústia, porque “uma consciência muito perspicaz é uma doença, uma doença autêntica, completa” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 18), enquanto *os outros* teriam a medida exata de consciência para viverem. Esses não entendem nem compartilham suas dores, como tantas vezes se tornam a causa, aqueles que pode culpar. Por outro lado, é também essa consciência que lhe permite apreciar certas sutilezas, se sofre e é desprezado por sua inteligência, encontra prazer em ser como é.

O reconhecimento do “Homem do Subsolo” é que ambos, os de ação e de pensamento, estão sujeitos às mesmas condições: a existência das leis da natureza, essas que o restringe sobre o homem que é e aquele que não é. A lei é um destino que não pode ser revogado. Até esse ponto da história, o “Homem do Subsolo” se descreve pela ótica de unidade, um Eu, ao trazer a questão da lei, insere a lógica de uma impossibilidade, ele é aquilo que a lei permite que seja. Freud (1914/2010; 1923/2011), ao trabalhar a importância do Complexo de Édipo para a teoria do Narcisismo, salienta que algo se apresenta como um limiar para o sujeito, produzindo uma insatisfação que o afasta do lugar de perfeição e completude do narcisismo primário, e, quando inscrito pelas figuras de parentais, estabelece-se como uma lei. A construção do Eu a partir da noção do que não é, ou não é permitido a ser. Ou seja, para o Homem do Subsolo, os homens estão firmemente estabelecidos em uma dessas duas naturezas: ação ou pensamento.

Se acreditar na ideia que os homens estão fadados a seguir suas naturezas, quem poderia ser culpado? Ninguém. Ele, que se diz mal, reconhece também que não é, já que sua consciência admite a falta de culpa daqueles que têm rancor. Entretanto, não significa que não se ofenda ou não deseje vingança. A vingança é, no final, vazia, mas os sentimentos que traz a torna prazerosa.

Embora se considere um homem de pensamento, não baseia seus julgamentos somente na razão, mas também nos sentimentos. Essa contradição é uma das primeiras quebras da autoimagem que o “Homem do Subsolo” pinta. Retornando ao *O Eu e o Id*, (1923/2011), Freud ressalta que, por mais que o consciente seja comumente considerado, o espaço da construção do racional parte do trabalho intelectual, também pode ser realizado inconscientemente, especialmente ao que se refere aos sentimentos e à sua livre circulação entre *Ics* e *Cs*. Por mais que racionalmente chegue à conclusão que os homens de ação seguem sua natureza, a construção lógica de homem de pensamento não opera ao ponto de ser capaz de barrar o sentimento ilógico, sente raiva e rancor. Reconhecendo essa operação, o “Homem do Subsolo” encontra outro descompasso: mentiu sobre ser um funcionário tão mal, deseja se vingar daqueles que o despreza, mas também sente prazer em ser desprezado.

A noção de Eu, desenhada no sistema *Pcp-Cs*, é a superfície psíquica, aquela que mais facilmente pode ser elaborada e racionalizada, porém, há também *ics* no Eu, que repousa sobre o Id. (FREUD, 1923/2011) Ou seja, a descrição do que define o “Homem do Subsolo” como um dos *homens de pensamento* é aquilo do Eu que pode organizar. Todavia, o “Homem do Subsolo”, dentro de suas experiências narcísicas, sabe - não um saber consciente - que não há uma real vantagem em nenhuma dessas duas naturezas, porque ambas estariam limitadas. Se os homens de pensamento vivem uma profunda angústia como preço por sua consciência, os homens de ação não conseguem compreender o belo e sublime. Pela inserção da castração, o sujeito é apresentado à falta e, por fim, afasta-se do lugar de perfeição e completude, o Eu Ideal guarda o potencial daquilo que um dia poderia ter sido, por isso o encontro com certas formações narcísicas, como aquelas que parecem conservar o que foi barrado, despertam fascínio. (FREUD, 1914/2010) Então, ainda que possua o reconhecimento de que aos homens de ação também faltam certas qualidades, esses possuem algo que lhe é inacessível.

O que ele nomeia como “consciência hipertrofiada” aponta para o que ele quer ser, para seus defeitos e suas angústias, é uma forma de narrar o trabalho da instância do seu Super-Eu. (FREUD, 1923/2011) Essa instância psíquica, herdeira do Complexo de Édipo, carrega a capacidade de reprimir, julgar e condenar o Eu e suas falhas por ceder aos instintos do Id, mostra incansavelmente para o Eu a distância que se encontra do Ideal do Eu.

Talvez, o maior salto feito no *O Subsolo* é quando, ponderando sobre as vantagens que possui os homens, conta que nem sempre os comportamentos são guiados por essas, que “[...] seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e, às vezes, *decididamente se deve*” (isso já é uma ideia minha). (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 39)

Ele, o dito homem de pensamento e consciência hipertrofiada, reconhece que nem sempre é a razão que o guia. Há tantas vezes algo interior forte suficiente para se opor, vontades e desejos por coisas que não consegue achar explicação, porque até aqueles regidos pela razão possuem algo que se porta de modo ilógico. Por mais que tente se manter fiel àquilo que se define, o “Homem do Subsolo” constantemente deixa algo escapar.

É expondo seus pensamentos difusos no *O Subsolo* e reafirmando tentar escrever com o máximo de sinceridade que o narrador assume seu paradoxalismo, as questões ambíguas que o formam subjetivamente e também trazem tormento. As lembranças de *A Propósito da Neve Molhada* não são contadas com objetivo de alcançar uma resposta para seus conflitos contraditórios, mas de expô-los porque voltam à sua mente.

“Minto porque eu sei, como dois e dois, que o melhor não é o subsolo, mas algo diverso, absolutamente diverso, pelo qual anseio, mas que de modo nenhum hei de encontrar!” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 51)

Diz não saber porque essas lembranças retornam agora, suspeita que tenha sido o clima dos últimos dias, que remontam a neve daquele momento da sua juventude. Como antes, decide escrever a pequena narrativa esperando que, assim, consiga alívio, que as palavras apaziguem os tormentos que encontrou no subsolo. São cenas que ilustram como, de algum modo, sempre existiu certa noção de suas ambiguidades.

4.2. As Recordações da Neve

Ainda quando um jovem funcionário público, o “Homem do Subsolo” já atestava ter problemas de convivência, narra como interagir no trabalho era difícil e causava sofrimento. Comparando-se aos colegas, julga-se inferior e carrega a crença de que é desprezado, até por aqueles que considera inferiores: o colega com feridas no rosto, o que exala um mau odor. Incomoda-se ao ser olhado, pois imagina que o encaram o mesmo que vê a si, e explica que isso é fruto da sua vaidade, já que “não pode ser vaidoso sem uma ilimitada exigência em relação a si mesmo e sem se desprezar, em certos momentos, até o ódio”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 57)

Sua vaidade advém de se considerar um homem culto e intelectualmente acima dos colegas, como é motor para autorrepulsa quando rebaixado por “todos os embotados e parecidos entre si”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 57) O “Homem do subsolo” chega a afirmar que, por ser cultivado, consegue ter a percepção de que os homens decentes de sua época são todos covardes e escravos, posições inferiores e medíocres. Com isso, ele tanto se afasta daqueles

colegas que despreza, como se sente só. “Eu sou sozinho, e eles são *todos*”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 58)

Então, quando muito angustiado por sua solidão, procurava alívio na literatura e na libertinagem. Recordar-se que, certa noite, viu um homem sendo jogado janela afora de uma taverna e como aquilo lhe despertou inveja, ao ponto de entrar no estabelecimento e ir para a sala de bilhar em busca de uma briga. “Logo de início, um oficial teve um atrito comigo”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 58) A cena que narra em seguida é que, por estar parado no meio da passagem, o oficial o pegou pelos ombros e o colocou em outro lugar, sem realmente o notar. Não teve a briga que desejava, ficou tão ofendido por ser tangido como uma mosca, que foi embora.

Fala que o oficial não o intimidou por sua altura, pois nunca foi um covarde de espírito, mas por vaidade e covardia moral. Se fosse manifestar seu descontentamento, faria recorrendo ao seu vocabulário literário e discussões sobre honra e tinha certeza de que, nesse cenário, não seria simplesmente arremessado pela janela, mas que antes viraria motivo de riso e essa humilhação não aceitava. Saiu enraivecido e, por anos, guardou rancor, como vingança, chegou a escrever uma carta o desafiando para um duelo, contudo, esperava que, ao ler suas palavras, o tal oficial o procurasse para oferecer sua amizade. Então, concluiria sua vingança usando de seus conhecimentos para elevar o caráter do oficial. A carta nunca chegou a ser enviada.

Era o cúmulo do suplício, uma humilhação incessante e insuportável, suscitada pelo pensamento, que se transformava numa sensação contínua e direta de que eu era uma mosca perante todo aquele mundo, mosca vil e desnecessária, mais inteligente, mais culta e mais nobre que todos os demais, está claro, mas uma mosca cedendo sem parar diante de todos, por todos humilhada e por todos ofendida. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 66)

O caso do oficial se encerra depois da execução de um plano elaborado: trombar ombro a ombro em uma via pública. Sucede-se que faz uma extensa preparação: uma investigação minuciosa sobre a rotina do oficial, a compra de um traje elegante para o evento e várias tentativas fracassadas. É só depois desistir da sua vingança, que, em um impulso, mantém-se no caminho e esbarra com oficial. Sua raiva dispersa, pois teria restaurado sua dignidade perante toda sociedade, colocando-se como um igual.

O interessante de toda narrativa sobre o oficial é como o “Homem do Subsolo” se atormenta com uma situação aparentemente pequena e cotidiana. Relata o sentimento de isolamento no trabalho, a angústia por como supõe ser visto e a tentativa de lidar pela literatura e libertinagem. Suas andanças por lugares sujos lhe causam vergonha, ia com medo de ser reconhecido, mas se irrita por ser ignorado no ambiente que julga tão desagradável. Ele,

intelectualmente superior, foi enxotado como uma mosca. Diferentemente do monólogo da primeira parte, quando diz que na sua vida sequer foi tratado como um inseto.

A taverna suja, as noites de libertinagem não acompanham para o “Homem do Subsolo” o nível do intelectual que é, não à toa, envergonha-se e teme ser reconhecido. A indiferença do oficial é entendida como desprezo. Para aquele que o Ideal do Eu é muito elevado, qualquer pequena atitude que o desloque desse posto torna-se um insulto, bem como precisa atender as expectativas do que seria digno do seu nível. O Ideal do Eu (FREUD, 1914/2010; 1923/2011) se origina das primeiras identificações com os pais, do que resta das primeiras escolhas objetais após o Complexo de Édipo e a sua reação, em especial a repressão paterna é introjetada como uma própria lei. Ou seja, quanto mais rígida a reação de repressão do desejo edipiano, - e reforçado pelas regras, religião, autoridades - mais elevado o ideal do Eu e, conseqüentemente, um Super-Eu rigoroso.

As impressões que diz ser dos outros, são, na verdade, suas. Expõe seu próprio julgamento como se fossem opiniões dos colegas de trabalho, ou do oficial. Quando tem público, por um esbarrão, atesta que é um igual aquele que o desprezou e recupera a dignidade. Não basta deixar o episódio de lado, o apaziguamento do seu tormento só é possível se tiver quem testemunhe.

O mesmo esquema - de provar um *status* de superioridade - tenta ser repetido em dois momentos: seu encontro com os colegas de escola e com Liza, porém, acabam se desenrolando diferentemente.

Na segunda parábola das memórias, ele conta que esses períodos de “devassidãozinha” só lhe é concedido, pois, por mais que se sujasse em certa imundice, tal comportamento não altera o seu caráter de herói, esses momentos pouco honrosos eram permitidos já que nunca ficaria completamente sujo. Mas só dura por um certo período, depois acaba sempre por se isolar em mal-estar.

“O molho, no caso, consistia em contradições, sofrimentos e torturante análise interior. E todas essas torturas e torturazinhas acrescentavam um sabor picante e até um sentido à minha devassidãozinha.” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 71)

Sucedese que, quando recuperado, o “Homem do Subsolo” chega a tal ponto de felicidade que desejava “abraçar as pessoas e toda a humanidade; e, para este fim, necessitava contar ao menos com uma pessoa que existisse realmente”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 73) Essas pessoas eram seu chefe de seção e o antigo colega de escola, Símonov, o único que mantinha relação e reconhece algumas qualidades: quieto, honesto e até certa inteligência.

Apesar dessa boa opinião que guarda de Símonov, desconfia que ele o repugna, porém, nunca existiu coragem para perguntar, prefere permanecer na dúvida.

É em um desses instantes de felicidade que o “Homem do Subsolo” resolve fazer uma visita a Símonov. Datando quase um ano sem se verem, chega à casa do amigo e o encontra reunido com outros dois colegas do tempo da escola. O primeiro, Fierfítchkin, é um fanfarrão e seu “acirrado inimigo desde os primeiros anos de escola” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 77), o outro, Trudoliubov, não tem nada que realmente destaque, além de um certo grau de parentesco com Zvierkóv. Este, que também foi um colega de escola, é a causa da reunião de Fierfítchkin e Trudoliubov na casa de Símonov: planejar um jantar de comemoração da sua promoção a oficial e se despedirem do amigo.

“Eu passara a odiá-lo, particularmente, quando cursávamos os últimos anos. Nos primeiros, fora apenas um menininho bonitinho, vivo, de quem todos gostavam. Aliás, eu o odiara nos primeiros anos também, exatamente pelo fato de ser ele bonitinho e vivo.” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 75)

Zvierkóv, segundo o “Homem do Subsolo”, terminara a escola não por mérito, mas por proteção. Era dono de um rosto bonito que ele desprezava, porém, trocaria de bom grado pelo seu. Sentia raiva por Zvierkóv farrear com a herança na frente dos colegas, que eram todos pobres, da sua vulgaridade e de como todos o procuravam para se aconselhar sobre boas maneiras. Conta certa vez que, na escola, depois de Zvierkóv ser aplaudido por uma piada, avançou irado por um inseto receber tanta devoção e venceu a briga. Então, seu rival riu da situação e, de novo, foi um perdedor.

Apesar do rancor, reconhece-o como orador ousado e um bom sujeito. Nos elogios que escorregam quando o descreve o velho conhecido, o “Homem do Subsolo” expõe a admiração e a inveja que sente por ele ser tão querido e reconhecido pelo grupo, a raiva que causa. Ponderando sobre as escolhas de objetos amorosos, essa incide por meio das identificações conforme o tipo narcísico ou o tipo de “apoio”, ou seja, se o ideal é supervalorizado, uma das possibilidades para esse arranjo é o objeto escolhido estar em um patamar que mereça o investimento. (FREUD, 1914/2010) A rivalidade não estaria longe do mesmo esquema, se pela teoria freudiana amor e ódio são diferentes destinos para uma pulsão (FREUD, 1915/2019), o “Homem do Subsolo” só aceita como o grande rival aquele que julga estar no maior nível.

Surpreendendo o trio, o “Homem do Subsolo” se convida para o jantar de despedida. Na noite que antecede o encontro, entra em profunda agonia, convidou-se por impulso, ofendido por ser posto de lado, porém, já devia certa quantia de dinheiro para Símonov e, se quisesse pagar a sua parte no jantar, teria que também ficar em dívida com Apólón, o seu criado que

detesta. Tem pesadelos, lembra dos seus primeiros anos escolares, quando chegou órfão para ser cuidado por parentes distantes e sofreu com as zombarias dos colegas, porque “não podia acomodar-me a eles tão facilmente como eles se acomodavam uns aos outros”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 81)

Já aos dezesseis anos eu me surpreendia, taciturno, com eles; já então a mesquinhez do seu pensamento e a estupidez das suas ocupações, jogos e conversas me deixavam perplexo. Havia coisas tão fundamentais que eles não compreendiam e assuntos tão impressionantes e importantes pelos quais não se interessavam, que, sem querer, passei a considerá-los inferiores a mim. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 81)

Opina que os colegas confundiam inteligência com cargos elevados, ignorância que o irritava. Zombarias e conflitos eram constantes, contudo, não queria formar amizades para que parassem, “[...]pelo contrário, ansiava constantemente que me humilhassem”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 82) Como tratado por Freud, se o pai da infância foi duro ou cruel, o Super-Eu se alicerçar sobre essas qualidades. Por consequência, gera no Eu a demanda por punição, o “Super-Eu tornou-se sádico, o Eu tornou-se masoquista”. (FREUD, 1928/2020, p. 293) Se o resultado por não ser ignorante como seus colegas era a humilhação, aceitaria como algo que constantemente o afastava daqueles que detestava, como atende a demanda. A diferença intelectual é um marcador muito forte na relação do “Homem do Subsolo” com os outros e do próprio valor que dá a si.

Procurou se destacar intelectualmente, ganhou o respeito dos professores para se mostrar superior e assim cessou as zombarias, porém, as relações continuaram tensas. Anos depois, o distanciamento com os colegas incomoda, gostaria de ter amizades, mas, devido a todos os conflitos, essas geralmente pareciam insinceras. A única amizade que diz ter possuído não acabou bem, exigia que esse amigo desprezasse o ambiente em medida semelhante à sua e rompesse com outros colegas, até que quando esse cedeu ao seu desejo começou a desprezá-lo: “se entregou a mim de todo, passei imediatamente a odiá-lo e repeli-lo como se ele me tivesse sido necessário apenas para que eu o vencesse, para que ele se submetesse a mim.” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 83)

Por isso, apesar da angústia e do nervosismo, o “Homem do Subsolo” ainda vai para o jantar. Imagina que seu grande rival irá recebê-lo com desprezo e fantasia, que, na ocasião, irá vencê-los na frente dos colegas, será amado e então Zvierkóv deixará de ser tão venerado. Finalmente, reconciliar-se, tratando-se como iguais. Entretanto, nada saiu como deseja. No restaurante, no horário combinado, espera por uma hora, pois Símonov muda o horário da reserva e não o comunica. Zvierkóv, contrariando sua expectativa, é cordial e até carinhoso para com ele, o que o irrita por sentir como demonstração de caridade e superioridade. A conversa

não vai bem, discute com Fierfítchkin. Símonov diz que a situação é estúpida, e Trudoliubov concorda. Zvierkóv interfere pedindo para pararem: “Parece que tem a intenção de exhibir a sua inteligência?” “Não se preocupe, isto seria aqui absolutamente inoportuno.” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 89)

Irritado e ofendido, cala-se e resolve observar o grupo, Zvierkóv narra suas histórias e ele escuta, dizendo-se abandonado. Envaidecido, irrita-se por uma ofensa de Fierfítchkin e, mesmo com sua honra manchada, não se retira da mesa. Quando bêbado, faz um discurso de homenagem irônico, aumentando a insatisfação dos outros sobre seu comportamento, enquanto Zvierkóv curva-se em agradecimento, o que dá ao “Homem do Subsolo” certeza de que o irritou. Decide permanecer por provocação, entendendo que sua presença é desagradável, contudo, também pensa em se desculpar. Em uma saleta, passa duas horas andando de um lado para o outro, dividido entre ser a presença incômoda e o desejo de receber atenção, está humilhado, mas não vai embora. É como se, por não conseguir conquistar o amor, prefere o ódio do que ser colocado como inferior pela indiferença. “Ou eles todos vão implorar a minha amizade, de joelhos, abraçando as minhas pernas, ou... ou hei de esbofetear Zvierkóv!” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 97)

A valorização das suas ideias elevadas é um tema que volta durante diferentes momentos da narração do “Homem do Subsolo”, porém, é nessa recordação com os antigos colegas de escolar que compreendemos melhor a construção desse lugar. Para o “Homem do Subsolo”, há uma distinção dele e de seus colegas: é intelectualmente superior e fica feliz em ser humilhado, pois marca o quanto difere daqueles que despreza. Narrando a lembrança, constantemente repete a ideia do “*eu e eles*”, o Homem do Subsolo se declara como o oposto dos colegas da escola, ele é o homem de pensamento, os outros são os homens de ação que se ressentem.

Entretanto, esse esquema lhe causa sofrimento, já que não exclui o desejo de ser amado e valorizado. O Homem do Subsolo se envergonha, sabe que o reconhecimento não é necessário, como é tolo por desejar que venha de pessoas que considera tão baixas. Há uma constante tentativa do Eu de recuperar a posição do narcisismo primário (FREUD, 1914/2010), quando era perfeito e plenamente amado, porém, é fadada ao fracasso, a passagem pela castração coloca na frente a impossibilidade. Fierfítchkin afirma que ele é inteligente mais de uma vez durante o encontro, mas também alia as características a arrogância e exibicionismo. Ser um homem moral e cultivado não traz a satisfação esperada, não basta ser reconhecido, é preciso que venha na forma que almeja, com afeto. Essa posição do intelectual moral, as

qualidades do Ideal do Eu, onde guarda a esperança se restituir ao lugar de objeto amando, não têm o efeito esperado.

A rivalidade com Zvierkóv é especial. Zvierkóv é aquele que, após ficar órfã, conquistou a admiração do grupo e, por anos, conseguiu a manter, não só sabe se misturar aos colegas, como esses pairam ao seu redor. O “Homem do Subsolo” o admira e o inveja porque ele é a imagem Eu Ideal, como se fosse permitido conservar o lugar do narcisismo primário. Ainda que o Homem do Subsolo saiba que é impossível ser perfeito e cite defeitos em Zvierkóv, e isso advém da sua própria experiência narcísica, não é o suficiente para diminuir ou eliminar os sentimentos negativos.

O encontro com Zvierkóv o agita pela oportunidade de apaziguar seus conflitos. Do mesmo modo que esbarrou no oficial na rua, é a presença dos outros três companheiros que atestará sua vitória e reconhecimento perante Zvierkóv pelo tapa ou pela realização da amizade. O que fica despercebido para o protagonista que é ele que, o tempo todo, julga-se inferior, compara-se e tortura, forçando a própria presença, se, como explicado por Freud (1914/2010; 1921/2020), o Ideal do Eu faz a função de consciência de si, enquanto o Super-eu entra como a instância que julga e condena o Eu pela distância que esse se encontra do Ideal do Eu. Novamente, projeta nos outros a conta da culpa que seu Super-Eu produz.

Determinado a desafiar Zvierkóv e recuperar seu respeito, o “Homem do Subsolo” segue até um prostíbulo, não encontra nenhum de seus companheiros e acaba por passar a noite com uma das moças. Ela era jovem e recém-chegada, calada e não desviava o olhar. Incomodado com a atenção, começa a conversar e entrar numa longa reflexão sobre qual seria o destino de Liza. Conta do jeito que viu um caixão sendo carregado em uma das regiões de prostituição da cidade, amedronta Liza prevendo que, com pouco tempo, seu preço cairia, e ela teria que ser prostituir em lugares cada vez mais sujos, até adoecer, morrer e se enterrada como uma ingente.

— [...] Que me importa? Mas tenho pena.

— De quem?

— Você me dá pena. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 107)

É reconhecendo que Liza seria uma criatura ainda mais deplorável que ele vê outra oportunidade de inflar a sua imagem de cultivado. Começa um monólogo sobre Liza repensar suas escolhas, diz que, por ela ser mulher, estaria presa aquelas condições, mas ele, por ser homem, ainda que esteja bêbado em uma casa de meretrício, “não sou escravo de ninguém; fico num lugar, depois vou embora”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 108) O que contradiz o raciocínio da primeira parte do livro, onde diz que o homem cultivado é capaz de se reconhecer como covarde e escravo.

Depois discorre sobre a família, a confiança nas figuras paternas e as belezas de um lar feliz, mesmo não tendo vivido em um. Fala sobre amor e o casamento, a felicidade de se ter um filho, quando Liza diz que ele fala como lesse um livro, escuta como zombaria. Irritado por, mais uma vez, sentir-se humilhado, volta a falar sobre a vida triste que Liza terá nos próximos anos e prever o cenário da sua morte. Ela chora e, outra vez, ele se compadece da garota, que lhe mostra uma carta de amor que recebeu de um rapaz, e ele a convida a ir sua casa. “Sem me explicar nada, como se eu, na qualidade de criatura superior, devesse saber tudo sem explicações, estendeu-me um papelzinho.” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 120)

Um ponto que deve ser claro ao falar sobre o encontro do “Homem do Subsolo” com Liza é que ele não sabe quase nada sobre ela, nem o leitor. A cena da conversa de ambos é outro monólogo do narrador sobre o que ele supõe ser a história de Liza e seu destino, a personagem fala pouquíssimo de si. Tirando as informações do tempo que está naquele prostíbulo, a insinuação de uma relação difícil com o pai e seu interesse amoroso, nada além é dito. As observações do “Homem do Subsolo” podem, sim, basear-se num cenário comum da prostituição da sua época, como explica, entretanto, revelam mais sobre ele, seus pensamentos e seus ideais, não sobre quem é Liza.

Apesar de não ter encontrado aqueles que procurava, é com Liza que o “Homem do Subsolo” consegue se restaurar. Ela o escuta, dá atenção e, de alguma forma, exprime reconhecer sua qualidade intelectual, tudo o que repetidamente disse desejar do encontro das horas anteriores. Entretanto, pelas sensações recentes, com Liza não basta se igualar, como com o oficial ou Zvierkóv, com ela quer ser superior. Se ela não conhece sua face degradada, é mais fácil se portar como um homem elevado, e ao menor comportamento que interpreta como zombaria fica profundamente zangado. Ser humilhado por ela não é cabível.

O arranjo falha justamente no convite que faz para ir a sua casa. No dia seguinte, pega um empréstimo com seu chefe e elogia Zvierkóv, paga sua dívida com Símonov e se desculpa por seu comportamento. Seu tormento agora se dirige a possibilidade de Liza realmente aparecer para a visita, ora se condenando por ter se compadecido da situação da garota, ora tomando sua atitude como honrosa, por tentar “despertar nela sentimentos nobres”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 125) Os dias se passam, e o conflito entre desejar e rejeitar a ida de Liza o atormenta, fantasia como ela declarando amor e devoção por ele, seu salvador; pensa em como Apólon, seu criado, pode destratá-la ao notar de onde vinha, e isso causa um tipo de vergonha.

Apólon, o criado que atrasou o pagamento do salário para poder ir ao jantar, é revelado como uma das pessoas que mais odeia. Reclama do jeito que esse o olha de cima, “sempre

firme, altivo, autossuficiente e zombeteiro e, às vezes, me fazia chegar a um estado de furor”. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 128) Aproveitando que o dinheiro já havia sido destinado para outros fins, o “Homem do Subsolo” decide usar o momento para castigá-lo, resolve fingir por duas semanas que esqueceu o pagamento e fica aguardando ansioso o momento que esse se humilhará perante ele.

Fazia muito tempo já, uns dois anos, que eu me preparava para isto, unicamente para lhe demonstrar que ele não podia atrever-se a ter aqueles ares de importância para comigo, e que, se quisesse, sempre tinha o recurso de não lhe pagar o ordenado. [...] e não queria simplesmente porque assim queria, porque era a minha vontade de patrão. (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, pp. 129-130)

O castigo dura quatro dias, incomodado com os olhares de Apólon e sem esse lhe exigir nada, entrega o pagamento e se enfurece por mais uma vez ter perdido para seu criado. É nesse cenário que Liza chega à sua casa, ele a culpa pela humilhação que diz sentir vindo de Apólon, envergonha-se por suas vestes e por seu descontrole. Não é mais possível posar de herói salvador na frente da garota. “Apareceu você, e eu descarreguei sobre você todo o meu rancor, zombei de você. Humilharam-me, e eu também queria humilhar; amassaram-me como um trapo, e eu também quis mostrar que podia mandar...” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 137)

Ela se torna o seu alvo, diz ter a usado para demonstrar poder e, por isso, a piedade, sentiu-se um crápula e culpou-se por seu comportamento. Parte do ódio que direciona a ela é porque seu encontro o fez reprovar a si. No seu discurso, coloca-se como canalha, mesquinho, repulsivo, ridículo, estúpido e invejoso. Porém, nunca é “mais um”, é sempre “o mais”, porque até para ser o pior, ele deve ser o melhor pior.

Liza escuta todas as revelações em silêncio, e ele diz compreender, por seu olhar, que era um infeliz. Oferece um abraço, e ele chora em seu colo, lamentando que não o “[...] deixam... Eu não posso ser... bondoso!” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 140), mas o lamento se mistura à vergonha, e a vaidade fala mais alto. A garota, para quem fez um discurso dias antes sobre suas péssimas escolhas de vida, que usou para se engrandecer e apagar a sensação de humilhação dos colegas de escola, era a que lhe oferecia consolo. No mesmo dia, ele havia cedido o castigo que empregava ao seu criado e sentido inveja de uma jovem prostituta.

[...] precisamente pelo fato de sentir vergonha de olhá-la, em meu coração se acendeu de repente um outro sentimento... o sentimento de domínio e de posse. Meus olhos brilharam de paixão, eu apertei-lhe fortemente com as mãos. Como eu a odiava e como estava atraído por ela naquele instante! Um sentimento fortalecia o outro. Isto parecia quase uma vingança! (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 137)

Liza, seu silêncio e seu abraço, são complacentes. Mesmo após escutar todo o monólogo recheado de raiva e ressentimento, soube ser gentil e oferecer conforto, causando admiração. Ao contrário dele, que tenta humilhar e dominar quando ridicularizado, ela acolhe, amá-la

torna-se uma impossibilidade. Aqui repete a escolha de objeto baseado na idealização narcísica, Liza se torna aquela que aparentemente conserva a autonomia que deveria ser perdida, isso atrai e fere seu Eu. Necessita humilhar para se reafirmar perante o ideal, por consequência, quando subjugado o objeto perde seu valor; e o Homem do Subsolo, o interesse. Como o único amigo que possuiu na escola: seduziu, subjugou e, quando o objeto de amor esteve inteiramente em seu domínio, abandonou.

Angustiado com a presença de Liza, coloca na sua mão uma nota de dinheiro e a manda ir embora, virado de costas. Só depois que ela parte, repara no dinheiro sobre a mesa, a atitude o surpreende, porque, outra vez, ela não age por seus parâmetros. Liza o fascina e assusta justamente por escapar do jogo “humilhar e ser humilhado” que ele mantém em outros espaços, de algum modo, reflete no narcisismo do “Homem do Subsolo” uma certa autossuficiência que ele não possui. Entretanto, também não se sentia no direito de ir pedir perdão, por mais que sinta vergonha e se arrependa de como tratou Liza, diz que a odiaria caso “beijasse os seus pés”. O Super-Eu opera repreendendo seu comportamento que não é nada próximo da imagem do herói, despertando uma profunda culpa.

Nesse ponto, encerra o relato da segunda parte da novela e o próprio livro. Profundamente envergonhado e angustiado por ficar de frente às suas contradições, alegando que ter levado sua vida ao extremo, o “Homem do Subsolo” se despede justificando que escrever virou um castigo, como se reconhecendo como um anti-herói. “[...] o que é melhor, uma felicidade barata ou um sofrimento elevado? Vamos, o que é melhor?” (DOSTOIÉVSKI, 1864/2009, p. 145)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Homem do Subsolo” narra histórias de seus conflitos, convicções e certezas, quanto mais reflete sobre suas afirmações, mais essas são desmontadas. No início, apresenta uma imagem rígida de si e dos que o cercam; se considera um homem inteligente e moralmente elevado, intelectualmente superior. Todavia, experiencia vários episódios em que põe à prova diversas considerações, especialmente pela característica que o faz ser distinto ser a causa de zombaria. Carrega um forte desejo de ser reconhecido por suas qualidades, porém, declara-se como o pior dos homens.

No primeiro capítulo da novela, acompanhamos a tentativa constante de definir-se em uma resposta sobre sua natureza e as falhas em elaborar uma conclusão. Esse fluxo vai seguindo

até o ponto que o “Homem do Subsolo” desvela tantas contradições que não é mais capaz de ignorar. A razão que preza como um homem de pensamento não é mais suficiente para conter as moções que nota em si, são ambiguidades que convivem mutualmente. Tendo em conta os conceitos narcísicos de Eu, Ideal do Eu e Super-Eu - e as influências do inconsciente e consciente - é possível desenhar um paralelo com o material da obra: um personagem que racionalmente tenta se categorizar, uma aspiração supervalorizada e uma inflexibilidade em apenar.

Um dos grandes dilemas do narrador é entre *ser* um homem bom ou ruim, definir seu Eu. O Homem do Subsolo admira a bondade, mas poucas vezes se reconhece como bom, porque está constantemente envolto dos próprios defeitos. A proposital falta de simpatia e o comportamento arrogante no trabalho fazem-no se achar uma pessoa desprezível, e essa autoavaliação é defletida no que supõe que os outros acham de si.

Apesar de saber que em si há certo potencial para a bondade e, às vezes, até reconhecer que, no fundo, não é tão cruel assim, o “Homem do Subsolo” não consegue se manter nessa posição. Para ser bom, teria que atender todos os requisitos da sua moralidade, incapaz de cumprir justamente por tratarem de uma expectativa inalcançável, a hostilidade do Super-Eu reforça o pensamento que está longe da bondade. E até quando tenta ser bom, como nos conselhos que dá para Liza, entender que por trás da sua ação há intenções egoístas de se colocar como um herói. Não inteiramente bom, nem inteiramente mal.

A inteligência, muito valorizada pela personagem, é também um recurso para a valorização do Eu. No “Homem do Subsolo”, a qualidade do pensamento, da literatura são preciosidades da humanidade que, de tanto admirar, usa-as de estratégia para se colocar o mais próximo possível do Ideal do Eu. A frustração surge quando seus colegas não parecem ver sua inteligência como um grande feito, não validando sua superioridade. O sentimento de desprezo vem tanto por não lhe darem o tratamento que julga merecer, como por reforçarem a sensação de inferioridade. O desprezo dos outros ressoa naquele que o próprio carrega.

A humilhação tem um peso duplo na constituição e manutenção da dinâmica narcísica do “Homem do Subsolo”. Enquanto se queixa das zombarias, do desprezo e dos olhares que recebe de terceiros, não se afasta. Isso porque a ciência constante de não alcançar o ideal gera um forte sentimento de culpa. Os prazeres que diz sentir na angústia revelam características decerto masoquistas, e a humilhação funciona como um mecanismo ambivalente.

Se é humilhado, expia a culpa de não atingir o ideal, é o preço que deve pagar por sua condição. Contudo, não significa que deva sentir gratidão, já que, genuinamente, ofende-se com as zombarias. Então, pode alimentar sua raiva guardando um profundo rancor que se transforma

em combustível para vingança. Se humilhado é inferiorizado, humilhando se eleva perante outros. Porém, as convicções morais do “Homem do Subsolo” são intensas, as exigências do Super-Eu o condenam, como ao falsear a posição de superior e depois agir de uma maneira que foge da figura de um herói. A culpa retorna atrelada à vergonha.

Essa oscilação é ilustrada, por exemplo, na sequência entre Apolón e Liza. O criado, ativo e orgulhoso, desperta-lhe raiva ao sentir-se subjugado quando deveria governar. Ressentido pelos sentimentos da sujeição, Liza aparece e se torna um bode-expiatório: a culpando se autoriza a destruí-la. Após ser humilhada, Liza se compadece e o abraça. Ela, a prostituta que anda nos meios devassos da sociedade, mostra-se gentil e complacente. Por isso, a figura de Liza o inspira e o enfurece, nunca é completamente dominada, não cede à humilhação nem se vinga humilhando. Ela o marca por expor uma bondade que ele não consegue compreender, o contraste expõe sua mediocridade, como fascina pelo vislumbre de algo que parece diferente da sua experiência narcísica.

O intenso conflito do Ideal do Eu supervalorizado e do Super-Eu, rígido e exigente, é uma força motriz na vida desse eu-lírico. O “Homem do Subsolo” se ver em constantes angústias e profundo sofrimento por assistir aos movimentos que seu Eu passa no meio da dinâmica dessas duas instâncias. A falta de elaboração de uma compreensão sobre esses seus aspectos o faz atuar constantemente dentro desse circuito de conquistar aprovações, externas e internas, e de se desprezar e se sentir desprezado. Entretanto, não chega à conclusão de que não se encaixar em uma natureza única dá-lhe a liberdade de se movimentar para além das suas definições. Ele, que diz que consciência hipertrofiada é como uma doença e pode ser quando opera para a manutenção da mesma repetição.

6. REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução por: Paulo Pinheiro. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução por: Boris Schnaiderman. 6. ed. São Paulo: Editora 34, 1864/2009.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. [S.l.: s.n.], 1999.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: um escritor do seu tempo**. Tradução por: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo**. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas Volume 12: Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução por: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1914/2010. pp. 14-50

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e Análise do Eu**. In: FREUD, Sigmund. Obras Incompletas de Sigmund Freud: O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião. Tradução por: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1921/2020. p.137-232.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id**. In: FREUD, Sigmund. Obras Completas Volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos. Tradução por: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1923/2011. pp. 13-74.

FREUD, Sigmund. **Arte, Literatura e os Artistas**. Tradução por: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor**: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 320 p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário da Psicanálise**. Tradução por: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 874 p.